ANO IX - EDIÇÃO 191
DE 16 A 22/9/2004
COLABORAÇÃO: R$ 2

AGORA NAS BANCAS O JORNAL DO PSTU

UMA VOZ DE OPOSIÇÃO DE ESQUERDA AO GOVERNO LULA

QUEM GANHA COM O CRESCIMENTO DA ECONOMIA?

OS TUBARÕES, COMO BANQUEIROS E GRANDES EMPRESÁRIOS, ABOCANHAM O CRESCIMENTO E AUMENTAM SEUS LUCROS

PÁGS. 6 E 7

JORNAL NACIONAL: 35 ANOS DE MENTIRAS

PÁGINA 4

BANCÁRIOS SAEM À LUTA EM TODO O PAÍS

PÁGINAS 3 E 7

SINDICALISTA DO HAITI COMBATE A OCUPAÇÃO BRASILEIRA

PÁGINA 11

IRAQUE A MIL *O governo Bush, no último dia 7, anunciou oficialmente que o número de soldados americanos mortos pela resistência iraquiana já chega a mil.*

PÁGINA DOIS

IRRECONHECÍVEL *José Saramago, ganhador do Nobel de Literatura, declarou a respeito do presidente Luiz Inácio Lula da Silva: "O Lula que chegou à Presidência não é a mesma pessoa."*

CAMPO MINADO

É comum ver a mídia comemorando os lucros astronômicos do agronegócio, dizendo para a população que isso vai gerar empregos. No entanto, de acordo com a pesquisa do Nera-Unesp, para cada vaga criada pelo agronegócio, por exemplo, nas lavouras de cana-de-açúcar ou feijão, 400 outras vagas são fechadas.

PÉROLA

"Eu não admito que digam que eu não sou honesto"

PAULO MALUF, *candidato a prefeito de São Paulo, investigado por desvio de recursos públicos, enriquecimento ilícito, lavagem de dinheiro e corrupção*

CHARGE / *GILMAR*

"GRITO PELO CERRADO"

Indígenas kraôs e xavantes carregando toras de mais de 70 kg invadiram o plenário do Senado, em protesto contra destruição do Cerrado. O senador Ney Suassuna (PMDB-PB) protestou contra a invasão e recebeu uma merecida resposta das lideranças indígenas: "Branco que planta soja e destrói rio também não é correto". Cerca de 47% da vegetação original do Cerrado foi destruída, sobretudo pela monocultura da soja.

DANOS AMBIENTAIS

Entidades não-governamentais e movimentos indígenas entraram com ação na justiça equatoriana contra a aprovação da licença ambiental para a Petrobras explorar petróleo no Parque Nacional Yasuní, uma das 25 reservas da biosfera reconhecidas pela ONU.

MATA MATA-MOSQUITOS

Cerca de 300 agentes mata-mosquitos foram atingidos pela decisão do STJ de suspender, a pedido da Procuradoria-Geral Federal, sua reintegração à Funasa. Eles alegam que estão contaminados por inseticidas e recusam o acordo proposto pela União. Na campanha de 2002, o PT jogou pesado contra Serra por este ter demitido esses agentes que combatiam a dengue; agora, o governo Lula impede a sua reintegração.

CAMPANHA PELA LIBERTAÇÃO DE MILITANTES NA ARGENTINA

Continuam presos nove líderes dos movimentos sociais na Argentina. Entre eles um militante da Frente Obrera Socialista (FOS), organização filiada à Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT). Os companheiros precisam de nossa solidariedade, por isso, pedem uma campanha que envolva recolhimento de assinaturas pela sua liberdade, envio de faxes e atos em embaixadas.

Os faxes e e-mails devem ser enviados: ao Presidente da Argentina, Nestor Kirchner; ao Governador da Província de Santa Cruz, Sergio Edgardo Acevedo e ao Dr. Marcelo Martin Bailaque, Juiz de Instrução nº 1, de Caleta Olivia.

- *secretariageneral@presidencia.gov.org*
- *governador@scruz.gov.arg*
- *camarasegundacirc@mcolivia.com.ar*

MARÉ ALTA

Jandira Feghali, PCdoB (RJ), publicou no seu site a relação dos doadores de sua campanha. Os maiores financiadores são ligados à indústria naval, como: a Aliança Navegação e Logística Ltda. (com R$ 100 mil) e a Fels Setal (R$ 30 mil).

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64
Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01321-010
e-mail: opiniao@pstu.org.br
Fax: (11) 3105-6316

EDITOR
Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana
(MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates 'Mancha', Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary

REDAÇÃO
André Valuche, Cecília Toledo, Cláudia Costa, Diego Cruz, Fausto Barreira Filho, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes

PROJETO GRÁFICO
Gustavo Sixel

DIAGRAMAÇÃO
Gustavo Sixel
e Mônica Biasi

CAPA
Gustavo Sixel

IMPRESSÃO
Gráfica Lance (11) 3856-1356

ASSINATURAS
assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas
(11) 3105-6316

PALAVRAS CRUZADAS

POR JEFERSON CHOMA

1. *Cidade onde Martin Luther King realizou seu último discurso.* **2.** *(...) do ABC, filme de Carlos Reichenbach.* **3.** *Filme de Hector Babenco.* **4.** *Comunista alemã, companheira de Luiz Carlos Prestes.* **5.** *Casa da (...); residência de Collor de Melo, cuja reforma custou US$ 2,5 milhões.* **6.** *Regime de opressão racial sul-africano, mantido até o final dos anos 1980.* **7.** *Denunciou os crimes de Stalin no XX Congresso do Partido Comunista da URSS.* **8.** *Nome de escultura feita por Miquelângelo há exatos 500 anos.* **9.** *(...) Khalo; pintora mexicana casada com Diego Rivera.* **10.** *Presidente argentino derrubado por uma revolução popular em 2001.*

Vertical: (...) Center; símbolo do imperialismo americano derrubado por ataques terroristas em 11/09/2001.

RESPOSTAS DA EDIÇÃO ANTERIOR

1 – Leminski. 2 – Rio Centro. 3 – Itaipu. 4 – Herzog. 5 – França. 6 – Fusca. 7 – Shakespeare.

AOS LEITORES

ESQUERDA DA CUT DIVIDE, MAIS UMA VEZ, A LUTA CONTRA AS REFORMAS DE LULA

Mais uma vez, a esquerda da CUT dividiu a luta contra as reformas Sindical e Trabalhista. Desta vez, os companheiros da ASS e do P-SOL convocaram para o dia 14, em Brasília, uma atividade contra as reformas no Congresso Nacional, vetando a participação da Conlutas.

De acordo com a convocatória do ato, seus signatários dizem que estão se esforçando por construir a unidade na luta contra as reformas. No entanto, isso não corresponde à sua prática. Depois de terem deliberadamente boicotado o ato chamado pela Conlutas no dia 16 de junho – diga-se de passagem, o único ato realizado contra as reformas – os companheiros insistem em não construir um calendário comum com a Conlutas.

Por trás da posição dos companheiros, esconde-se a defesa da Central governista. Já dissemos que é impossível travar a luta contra as reformas Sindical e Trabalhista junto com a CUT, pelo simples fato de ela ser uma de suas principais defensoras.

Enquanto a esquerda da CUT priorizar a defesa da Central governista, insistindo em não construir uma luta unitária contra as reformas, as lutas dos trabalhadores permanecerão prejudicadas.

Repetimos o chamado para que os companheiros revejam sua posição e passem a construir a unidade na luta contra a reforma junto com a Conlutas. Pois essa é a única forma de impedirmos que direitos históricos dos trabalhadores sejam destruídos.

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105.6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Av. Comendador Leão, 526 - Poço (82) 3278125 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Mãe Luzia, 1352 Jesus de Nazaré (96) 225.4549 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823 - Centro (92)234.7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36 - Nazaré (71)321.3632 *salvador@pstu.org.br*

CEARÁ

FORTALEZA - CENTRO -Av. Carapinima, 1700 - Benfica *fortaleza@pstu.org.br*

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor Comercial Sul - Qd. 2 - Ed. Jockey Club - Sala 102 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 242, Nº 638, Qda. 40, LT 11, Setor Leste Universitário - (62)261-8240 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - R. dos Afogados, 169 sl 8 Centro (98)258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 Jd. Leblon (65)9956.2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 3840144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31)3201.0736
CENTRO - FLORESTA
Av. Paraná 191, 2º andar - Centro
BARREIRO -Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5 Pça Via do Minério

PARÁ

BELÉM - Tv. do Vileta, 2519 - (91) 226.3377 *belem@pstu.org.br*

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391 -1º andar - Centro (83)241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29/4 - (41) 233-3485

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar, Boa Vista (81)3222.2549 *recife@pstu.org.br*

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - PRAÇA DA BANDEIRA - Tv. Dr. Araújo, 45 - (21)2293.9689 *rio@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201.1558

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - Rua General Portinho, 243 (51) 3286.3607 *portoalegre@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104 Centro (48)225.6831 *floripa@pstu.org.br*

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11)3313.5604

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

Veja o endereço de outras sedes em nosso site: ***www.pstu.org.br/sedes***

EDITORIAL

SOBRE BRIGAS E ACORDOS

A campanha eleitoral está se polarizando em nível nacional entre candidaturas do PT e do PSDB, ou do PFL, PMDB etc.

À primeira vista, existe uma pancadaria enorme, com trocas de acusações de baixo nível, que aumentam com a reta final de campanha. No entanto, existe um grande acordo por trás da aparente polarização. Tanto o PT como a oposição de direita concordam em essência em muito mais coisas do que aparentam na campanha eleitoral. Esta briga lembra muito as antigas do "tele catch", em que lutadores aparentavam se enfrentar, mas na verdade era tudo marmelada.

ROOSEWELT PINHEIRO

Rodrigo Rato e Lula em perfeita harmonia

Os partidos majoritários concordam, em primeiro lugar, com a política econômica do governo Lula, que é a mesma de FHC. Ou seja, estes partidos já estiveram (PSDB, PFL, PMDB) ou estão (PT, PCdoB, e de novo o PMDB) diretamente envolvidos na aplicação da política neoliberal, receitada pelo FMI.

Este acordo é muito importante, porque determina rigidamente que a situação social dos trabalhadores e dos jovens deste país só tende a piorar, que não haverá dinheiro para investimentos em educação e saúde. Que o atual crescimento econômico só beneficia os banqueiros, grandes industriais e latifundiários, e o desemprego vai continuar alto. Que os salários só vão aumentar caso os trabalhadores lutem e derrotem os patrões e o governo.

Mas os partidos majoritários têm também um outro acordo: esconder esta realidade do povo, e transformar a campanha eleitoral em uma enorme fraude. O que está se fazendo no país é mais uma demonstração da farsa que é a democracia burguesa. Os distintos candidatos fazem aparições na TV, em programas que transformam a dura realidade brasileira em um comercial da Globo, para mostrar que basta votar neles, e a vida vai mudar, vai haver saúde, educação e segurança.

Todos eles sabem que nada vai mudar, porque a política econômica segue, porque não vai haver dinheiro para investir na saúde e educação porque "é preciso pagar a dívida e manter os superávits fiscais" etc. Mas nenhum deles fala disso. E conseguem assim enganar a maioria do povo.

A falsa polarização entre estes partidos busca esconder que esta eleição não muda nada, que a miséria vai continuar igual depois de 3 de outubro. A realidade suja, feia e doente do povo brasileiro não tem espaço na campanha eleitoral do PT e da oposição de direita.

O PSTU apresenta suas candidaturas, de norte a sul do país, para lutar contra esta corrente. No pouco tempo de TV que temos, denunciamos a farsa destas eleições, a política econômica do FMI apoiada pelo PT e a oposição de direita, e apoiamos as mobilizações dos trabalhadores.

Some-se a esta luta.

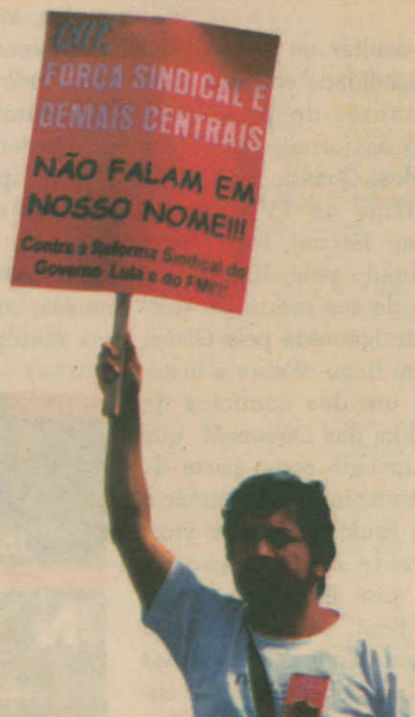
FALA ZÉ MARIA

Construir uma nova direção para o movimento sindical do país

José Maria de Almeida, o Zé Maria, é Presidente Nacional do PSTU e coordenador da Conlutas

O governo está terminando o projeto de reforma Sindical, que deve ser enviado ao Congresso. A CUT e a Força Sindical apóiam esta proposta, e na verdade foram co-autoras da mesma. Como já denunciamos diversas vezes, esta reforma é parte de mais uma das contra-reformas neoliberais que o governo Lula vai querer impor aos trabalhadores.

A reforma Sindical amplia o poder das cúpulas das Centrais sindicais que vão poder negociar diretamente os direitos dos trabalhadores, sem consultar os sindicatos de base. Depois vem a outra parte deste plano, que é as reforma Trabalhista, cuja pretensão é "flexibilizar" os direitos dos trabalhadores. Rodrigo Rato, diretor-gerente do FMI, teve uma reunião com Lula, na semana do 7 de setembro, para preparar esta reforma, o próximo ataque do governo Lula contra os trabalhadores que será feito logo passem as eleições.

Com a reforma Trabalhista, o governo vai querer acabar com as férias e o décimo-terceiro salário dos trabalhadores, sendo que tudo isto poderá ser negociado diretamente pelas cúpulas das Centrais, a partir da reforma Sindical.

SINDICATOS estão rompendo com a CUT e aderindo à Conlutas

A CUT é hoje a maior Central pelega do país. Atrelados diretamente ao governo, os novos pelegos preparam derrotas históricas para os trabalhadores, como os velhos pelegos fizeram nos tempos da ditadura militar.

Agora a CUT propõe o pacto social, com o objetivo de evitar "pressões salariais" dos trabalhadores, justo quando podemos conseguir melhores conquistas, pelo ambiente causado pelo crescimento econômico. Direções sindicais ligadas à maioria da direção da CUT querem evitar a greve dos bancários, em defesa de um acordo rebaixado, uma migalha perante os altíssimos lucros dos grandes banqueiros.

Não é por acaso que muitos sindicatos estão discutindo a ruptura com a CUT e aderindo à Conlutas, como foi caso do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, e, neste fim de semana, o do Sindsef, de São Paulo. Não é por acaso que uma boa parte das oposições bancárias que estão lutando contra a direção da CUT nesta campanha salarial são ligadas à Conlutas.

CONTANDO A VERSÃO DOS PODEROSOS

EM 1º DE SETEMBRO DE 1969, em plena ditadura militar, entrava no ar o *Jornal Nacional* que ao longo dos seus 35 anos especializou-se em maquiar a realidade, especialmente quando os fatos ameaçavam os poderosos

JEFERSON CHOMA*, ***da redação***

Para entender o *Jornal Nacional* é preciso conhecer um pouco da história da *Rede Globo*. Em 1957, Roberto Marinho obteve sua primeira concessão de TV graças ao seu apoio ao presidente Juscelino Kubitscheck. No início dos anos 1960, quando empresas norte-americanas de comunicação perceberam a necessidade de ampliar seus negócios nos países periféricos, a jovem emissora começou a dar passos decisivos para garantir seu futuro sucesso. Em 1962, Roberto Marinho assinou um duvidoso contrato de colaboração com o grupo *Time-Life*, que lhe rendeu US$ 6 milhões em caixa.

Após apoiar o golpe militar em 1964, a *Globo* foi devidamente recompensada e a parceria com a *Time-Life* foi desfeita, fazendo com que Marinho assumisse o controle total da Rede, enquanto as poucas outras emissoras definhavam, afetadas por crises econômicas.

Neste momento, a ditadura desenvolvia um sistema nacional de telecomunicação, a partir do Ministério das Telecomunicações, cujo objetivo era "defender a segurança nacional" e desenvolver a "integração do país". Programa esse, aliás, inspirado no Estado Novo, principalmente na famosa *Rádio Nacional*, amplamente utilizada pela ditadura Vargas.

Foi neste contexto que o *Jornal Nacional* entrou no ar como primeiro telejornal a atingir a maioria das capitais. Com a criação de inúmeras retransmissoras regionais, a *TV Globo* estendeu sua transmissão para praticamente todo o território brasileiro com um claro projeto: buscar transformar um povo heterogêneo, com profundas diferenças culturais e disperso em um enorme território, em "um só", através da transmissão de notícias do regime e de sua ideologia em uma linguagem clara e mais acessível à população.

COLABORAÇÃO COM A DITADURA

O *Jornal Nacional* se tornou um importante instrumento da ditadura para divulgar seus comunicados oficiais, ignorando a tortura, a censura, a corrupção e toda a selvageria do regime. O sanguinário general Médici declarou, certa vez, que se sentia feliz *"porque no noticiário da TV Globo o mundo está um caos, mas o Brasil está em paz. É como tomar um calmante após um dia de trabalho"*.

O *Jornal Nacional* desenvolveu com maestria a capacidade de ocultar ou relatar com superficialidade os fatos mais importantes do país. Nem mesmo os jornalistas foram poupados. Quando o chefe de jornalismo da *TV Cultura*, Wladimir Herzog, foi preso e assassinado pela ditadura, a notícia de sua morte foi solenemente ignorada pela *Globo*. Também ficou célebre a história de um dos comícios da campanha das *Diretas-Já*, que foi anunciado como parte da comemoração do aniversário de São Paulo. Depois, o vice-presidente de operação da época, José Bonifácio Sobrinho, o Boni, "explicou" que a emissora atendeu aos pedidos dos militares para conter o entusiasmo da campanha das *Diretas-Já*.

O JN desenvolveu com maestria a capacidade de ocultar ou relatar os fatos superficialmente

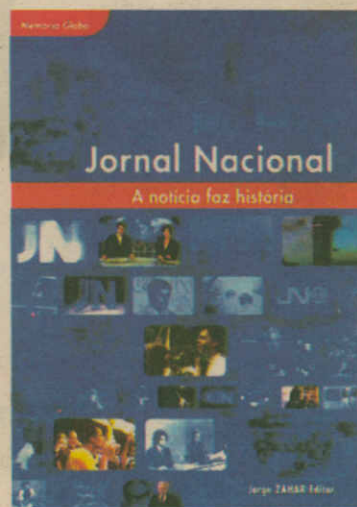
Outro escândalo foi a tentativa de manipulação das eleições para o governo do Rio de Janeiro, em 1982, quando a *Globo* tentou dar como fato consumado a fraude da Proconsult e evitar a vitória de Leonel Brizola.

Durante os anos da ditadura, Roberto Marinho tornou-se um dos homens mais poderosos do país. Com o fim do regime, seu império continuou a crescer, mantendo o *Jornal Nacional* como o principal porta-voz das classes dominantes do país. Foi assim nas eleições presidenciais de 1989, quando a *TV Globo* não hesitou em favorecer Collor, manipulando a edição do debate televisivo entre ele e Lula.

À SOMBRA DO PODER

Ao longo dos anos 1990, o *Jornal Nacional* passou por mudanças, lentas, graduais e um tanto superficiais. Depois de décadas, nos anos 1990, uma mulher assumiu a famosa bancada e foi necessário esperar a virada do século para ver um negro (esporadicamente) no comando do *JN*.

Do ponto de vista jornalístico, também ocorreram poucas mudanças. Os apresentadores que consagraram o jornal, como Cid Moreira, eram apenas reprodutores de uma pauta previamente decidida por diretores. O atual apresentador, William Bonner, também acumula o cargo de editor-chefe do jornal, assumindo responsabilidade pela pauta.

No entanto, as mudanças foram apenas de forma, para melhor se adaptar às inovações no telejornalismo e não perder espaço para outras emissoras. A superficialidade, as manipulações e a defesa dos interesses dos poderosos continuaram a todo vapor.

Ao longo de toda a década passada o *Jornal Nacional* foi um entusiasta dos planos neoliberais, das privatizações e dos ataques aos direitos dos trabalhadores. Mobilizações e lutas populares, quando não são substituídos por notícias fúteis, como o nascimento de filhos de celebridades, são pautados de maneira pejorativa ou "assustadora", tentando colocar a sociedade contra os movimentos.

Rede Globo boicotou a campanha das Diretas-Já

A *Globo* e o *Jornal Nacional* sempre caminharam à sombra do poder. Não seria diferente com Lula, que optou por governar para os ricos e poderosos. Antes da eleições, uma reunião com o alto comando da emissora selou o caminho para a garantia da vitória do PT. Depois, foram só demonstrações de apoio, começando com uma entrevista exclusiva logo após a vitória.

Um apoio que tem preço. A *Globo* possui uma grande dívida em dólares (cerca de R$ 6 bilhões) e será uma das maiores beneficiadas nas negociações com o BNDES, que pretende dar uma "ajudazinha" às empresas de comunicação em crise.

FALSIFICANDO A HISTÓRIA

Tantas mentiras e manipulações não passam impunes. O "império" dos Marinho ficou marcado pela imagem de quem representa os poderosos, foi cúmplice da ditadura e rei da manipulação (uma história parcialmente contada no documentário *Muito além do Cidadão Kane*, produzido pela BBC de Londres, cuja distribuição no Brasil até hoje é vetada pelos Marinho). Como conseqüência, já foi alvo de campanhas populares, a ponto de seus profissionais muitas vezes serem expulsos de manifestações (ao som da palavra-de-ordem O povo não é bobo, fora *Rede Globo*!).

De alguns anos pra cá, o grupo tem investido para tentar mudar esta imagem e garantir sua liderança. As comemorações dos 35 anos do *Jornal Nacional* são parte desta empreitada, com inúmeros anúncios na programação e o lançamento de um livro institucional.

O livro traz a versão da empresa para a cobertura das *Diretas-Já* e para a edição dos debates de 1989. Em relação ao comício da Sé, o livro acompanha Ali Kamel, diretor-executivo de jornalismo, que em artigo no jornal *O Globo*, aposta na falta de memória coletiva e sustenta que a emissora noticiou o comício pelas *Diretas*. No caso da edição do debate entre Lula e Collor, o discurso oficial é igualmente ridículo. Admite que houve sim uma edição favorável a Collor, mas resgata a edição do Jornal Hoje, que teria sido favorável a Lula, para sustentar sua defesa.

O nome do livro da *Globo*, *A notícia faz história*, não poderia ser mais adequado. Os trabalhadores, que vêm lutando por gerações, sabem que, ao contrário, é a história que faz a notícia. Só não sabem como é que ela será (ou se será...) noticiada pelo *Jornal Nacional*.

** com Gustavo Sixel*

VITÓRIA DE SKAF CONSOLIDA ALIANÇA DE LULA E EMPRESÁRIOS

DISPUTAS ELEITORAIS para as diretorias da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e para o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), duas das entidades patronais mais fortes do país, ocorreram apenas quatro vezes na história dessas entidades: 1980, 1992, 1998 e, agora, em 2004. Mas a vitória de uma chapa para a Fiesp, diferente da chapa vencedora no Ciesp, como ocorreu agora, é um fato inédito e merece atenção

ALVARO BIANCHI, Professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e secretário de redação da revista Outubro

CRISE E PROJETO NEOLIBERAL

O impacto da crise sobre a Fiesp-Ciesp, a partir da década de 1980, foi intenso. A crise do governo José Sarney e o fiasco do Plano Cruzado fortaleceram, no empresariado, uma alternativa neoliberal. Tal alternativa visava a uma profunda reorganização social, alterando a relação de forças entre as classes, colocando o movimento sindical na defensiva e modificando a articulação entre capitais nacionais e internacionais.

Na medida em que essa alternativa permitia uma saída para a crise, o empresariado a apoiou e aceitou a hegemonia do capital financeiro em seu interior. Mas isso implicou que setores antes dominados pela burguesia brasileira, como as indústrias de autopeças e de bens de capital, fossem duramente atingidos.

A desnacionalização e a desindustrialização foram o resultado da reorganização social neoliberal no interior da burguesia. O próprio complexo Fiesp-Ciesp, perdeu muito de sua força nos anos 1990, juntamente com a diminuição da participação da indústria no PIB nacional. Exilada das decisões econômicas fundamentais, marginalizada nas composições ministeriais, a burguesia industrial viu seu poder político se esvair. As disputas eleitorais que ocorreram no complexo Fiesp-Ciesp, a partir do início dos anos 1990, colocaram frente a frente diferentes projetos hegemônicos que equacionavam soluções diferentes para essa situação.

Tais soluções iam desde o fundamentalismo neoliberal, defendido pelas multinacionais, até um liberal-desenvolvimentismo, protagonizado por aqueles setores mais fortemente atingidos pelas políticas neoliberais, embora não houvesse desacordos substanciais entre a burguesia industrial quanto à redução dos direitos sociais.

A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ALIANÇA

A vitória de Paulo Skaf, na Fiesp, contou com o apoio descarado do governo federal. Empresário da indústria têxtil, Skaf soube utilizar a seu favor a estrutura corporativa da Federação, na qual só os sindicatos votam. Mobilizou os descontentes com a gestão anterior, ao mesmo tempo em que colocou em campo o peso dos sindicatos e associações da indústria têxtil, vitaminados pelo desempenho de suas exportações nos últimos três anos.

Na chapa de Cláudio Vaz, empresário com longa trajetória no setor de autopeças e acionista da *Fiamm*, era forte a presença de empresários do setor metal-mecânico e eletro-eletrônico, partidários de um projeto de corte liberal-desenvolvimentista. Na chapa de Skaf, por sua vez, além da sobre-representação do setor têxtil, estão presentes setores altamente internacionalizados da economia. A imprensa tem destacado o novo 1º vice-presidente da Fiesp, Benjamin Steinbruch, da *CSN* e do *Grupo Vicunha*, o maior conglomerado têxtil brasileiro. Mas merece destaque, também, o 2º vice-presidente, João Guilherme Sabino Ometto, do *Grupo Iracema São Martinho* e da *Copersucar*, ativo empresário do agronegócio.

NA CHAPA de Skaf estão presentes setores altamente internacionalizados da economia

A presença desses empresários em alguns dos principais cargos da Fiesp fornece indícios de uma importante afinidade entre o novo perfil da diretoria da entidade e as diretrizes econômicas do governo Lula. Muitos dos laços do governo com os industriais foram construídos durante a campanha eleitoral. Nela, o líder do PT não recebeu o apoio da maioria das lideranças industriais mais importantes. Em compensação, não foi hostilizado.

O reduzido antagonismo dos industriais com Lula, durante a campanha, representava a confiança de que não se produziria uma descontinuidade radical da política econômica. O limite de difícil transposição entre o empresariado e Lula eram os movimentos sociais identificados com a história do PT. Mas, depois da eleição, o governo venceu esse limite divorciando-se dos movimentos e estreitando seus laços com frações do capital nacional e internacional.

Do lado do capital financeiro, essa aproximação se fez por meio de uma burocracia sindical do setor público convertida em gestora dos maiores fundos de pensão do país – Previ, Petros e Funcef, dentre eles. A aproximação com o capital industrial e agrário não poderia ser feita, entretanto, por meio da burocracia sindical do setor privado. O ponto de contato entre essa burocracia e o capital industrial – uma política desenvolvimentista – simplesmente não existia. Ao contrário do que setores da burguesia industrial esperavam, a política econômica de Lula manteve em grande medida as diretrizes do governo FHC. A esperada política industrial nunca saiu do papel, os juros continuaram elevados e os níveis de crescimento econômico permaneceram pífios, frustrando as lideranças empresariais.

A ponte que permitiu estabelecer relações mais sólidas com o capital industrial foi o vice-presidente José Alencar, dono da *Coteminas*. Mas essas relações foram estabelecidas de modo seletivo. A representação empresarial encontra-se localizada em dois ministérios-chaves: o da Agricultura, com Roberto Rodrigues, ex-presidente da Associação Brasileira de Agribusiness, e o de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, com Luiz Fernando Furlan, da *Sadia*.

Consolidou-se, assim, no governo Lula, uma aliança entre o capital financeiro e os setores mais fortemente internacionalizados da indústria e da agropecuária, sob a hegemonia do primeiro. A vitória de Paulo Skaf não indica uma conversão da maioria do empresariado industrial ao governo. A vitória da chapa de Cláudio Vaz, no Ciesp, desmente essa suposta maioria. O que a chapa de Skaf reflete é a consolidação dessa aliança no interior do governo.

Palocci cumprimenta Paulo Skaf, novo presidente da Fiesp

FOTO ANA NASCIMENTO

ECONOMIA: OS DE CIMA SOBEM, OS DE BAIXO DESCEM

AO CONTRÁRIO do que diz a propaganda governista, os que mais se beneficiam com o crescimento da economia são banqueiros, empresários e latifundiários

***JEFERSON CHOMA E EDUARDO ALMEIDA**, da redação*

Na véspera do Dia da Independência, o presidente Lula declarou no seu programa quinzenal de rádio "Café com o Presidente", que o crescimento econômico do país está consolidado: *"Estamos comemorando o Dia da Independência (...) em um momento em que a economia dá sinais de crescimento sustentável"*.

Lula comemorava os números anunciados pelo IBGE sobre o crescimento de 4,2% do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro semestre de 2004, em relação ao mesmo período do ano passado. A verdade é que esse crescimento econômico é menor do que se propagandiza, e beneficia essencialmente banqueiros e grandes empresários.

Como a base de comparação com o primeiro semestre do ano passado é muito baixa, os índices parecem altos, mas se tomarmos a comparação com os doze meses anteriores a junho desse ano, a taxa se reduz para 1,7%. Mesmo assim um verdadeiro bombardeio foi realizado pela mídia e pelo governo tentando convencer a população que nossa economia está em "franco desenvolvimento" e por isso o desemprego e a miséria vão diminuir. Evidentemente, essa campanha tem uma boa dose de oportunismo eleitoreiro, e com bastante efeito como se pode ver no crescimento dos candidatos do PT em boa parte do país.

Tudo isso é combinado com uma apelação patriótica, preparada pelo marqueteiro Duda Mendonça. O "patriotismo" de Lula serve para disfarçar a submissão completa de seu governo às ordens do FMI. Toda a política econômica, agora novamente endeusada pelo crescimento, é simplesmente a aplicação do receituário do FMI, a mesma política de FHC, do PSDB e do PFL. No mesmo momento em que lançava a campanha "patriótica, Lula se reunia com o gerente do FMI, Rodrigo Rato, que definiu o próximo ataque aos trabalhadores, a reforma Trabalhista, a ser lançada depois das eleições.

Rodrigo Rato, gerente do FMI, em encontro com Lula

CRESCEM OS CORTES NAS VERBAS SOCIAIS

Para mostrar que aprendeu a fazer direitinho o dever de casa imposto pelo FMI, o governo derrubou os investimentos públicos previstos no já escasso Orçamento.

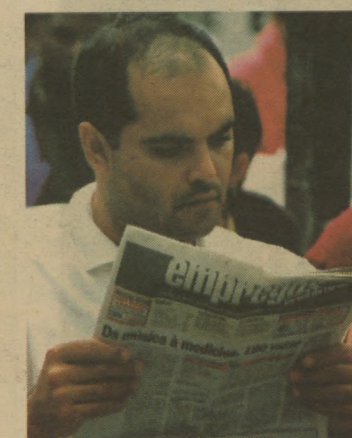
De acordo com os cálculos da Associação Brasileira da Infra-estrutura e Indústrias de Base (Abdib), de janeiro a julho deste ano, o investimento realizado pelo governo foi de apenas R$ 700 milhões, ridículos 5,74% em relação ao total de R$ 12,2 bilhões programados para 2004.

Para onde vai esse dinheiro? Simplesmente para fazer o superávit primário e garantir o pagamento da dívida externa. Segundo a Abdib, os investimentos públicos despencaram de R$ 14,6 bilhões em 2001 para R$ 6,5 bilhões no ano passado.

Isso impede que os trabalhadores e o povo pobre recebam os benefícios possíveis do crescimento econômico, como maiores investimentos em Saúde e Educação. Nos primeiros quatro meses do ano, o governo Lula pagou R$ 41,2 bilhões aos banqueiros, e para isso, cortou gastos sociais. Em Educação gastou apenas R$ 2,9 bilhões e em saúde R$ 8,9 bilhões, correspondentes, respectivamente, a uma e a três semanas de juros aos bancos.

FILA DO DESEMPREGO NÃO DIMINUI

Está bem, diria um apoiador do governo, mas o desemprego vai melhorar com o crescimento. Vai mesmo? Essa é a ilusão que o governo tenta vender, mas o modelo neoliberal tem um tipo de crescimento que incorpora mais tecnologia e menos mão-de-bra, e, mesmo nos períodos de crescimento, não produz uma mudança qualitativa nos níveis de desemprego.

Na verdade existem mudanças mínimas nas taxas de desemprego. É preciso lembrar que os empregos criados no primeiro semestre não absorvem nem os novos trabalhadores que ingressam no mercado de trabalho. Comparando os índices do primeiro semestre deste ano – dados oficiais do IBGE – com o mesmo período do ano passado, o resultado é um crescimento de 0,1% da oferta de empregos.

Se é verdade que houve uma ligeira queda do desemprego de maio a julho, também é verdade que no período anterior foram registrados taxas históricas de desemprego no país. De acordo com os cálculos mais realistas, do Dieese, o desemprego em São Paulo chegou ao recorde de 20,7%. Índices que se assemelham às taxas de desemprego dos países mais pobres da América Latina.

Contudo, o que cresceu em 12 meses foi o sub-emprego. De acordo com o IBGE, o subemprego cresceu 19,7%. Na verdade repete-se aqui uma velha história: trabalhadores com carteira assinada são demitidos e substituídos por outros sem direitos trabalhistas e com baixa remuneração. Isso prova que não é possível reverter o desemprego qualitativamente sem romper com o atual modelo neoliberal e com o imperialismo.

Tudo depende dos EUA

Os EUA registram hoje uma recuperação cíclica de sua economia, puxada pelos gastos de guerra, acompanhada, em menor medida, pelos países europeus. Este crescimento da economia imperialista é quem determina a situação atual brasileira. O capitalismo tem suas fases de crescimento e crise, e a situação atual não é produto das virtudes de Palocci ou de Lula, existindo em praticamente todo o mundo. A inversão imperialista nos países asiáticos, com a China em primeiro plano, é também parte deste ciclo.

Esse cenário favorece conjunturalmente países como o Brasil, pois houve um crescimento do comércio internacional, valorizando os preços dos produtos primários (agronegócio, soja, minério de ferro etc.) que permitiu um enorme aumento dos lucros dos empresários ligados às exportações. As baixas taxas de juros nos EUA também estimularam a entrada de dólares no Brasil, alimentando o mercado especulativo.

Esta conjuntura internacional pode, e vai mudar. A submissão completa da economia brasileira ao mercado mundial, se agora leva ao crescimento, amanhã deve trazer uma grande crise, com qualquer mudança no cenário. Uma nova crise na economia mundial, que é inevitável, vai arrastar ao fundo do poço em especial as economias ultradependentes latino-americanas. Mesmo uma crise no fluxo de capitais externos pode levar a uma crise brasileira de grandes proporções. Nada parecido aos delírios de grandeza de Lula-Palocci, que apregoam o crescimento sustentado *"por dez ou vinte anos"*.

ESPETÁCULO DO CRESCIMENTO... DOS RICOS

O tão difundindo crescimento do PIB pode ser resumido ao fantástico incremento dos lucros de empresários, banqueiros e latifundiários do agronegócio.

O caso dos banqueiros é escandaloso. Segundo um levantamento do jornal *Folha de S.Paulo*, o lucro dos 20 maiores bancos no 1° semestre foi de R$ 7,6 bilhões, mais de R$ 15 bilhões projetados até o final do ano. O lucro do Bradesco foi 21,7% superior a 2003, o do Itaú foi 22,4% e o Unibanco de 18,3%. Ainda de acordo com a *Folha*, nos últimos 10 anos, graças às políticas neoliberais de FHC, mantidas por Lula, os dez maiores bancos instalados no país lucraram mais de 1.000%.

No primeiro semestre deste ano, o agronegócio brasileiro obteve US$ 18,5 bilhões em receitas de exportação, 31,2 % a mais do que foi registrado no mesmo período em 2003.

O lucro dessa turma foi proporcionado, naturalmente, por uma atroz exploração dos trabalhadores. Diante de um enorme número de desempregados, os empresários fazem chantagens para reduzir salários e aumentar as jornadas de trabalho daqueles que ainda estão empregados. O lucro astronômico dos banqueiros foi proporcionado pela restrição a créditos, crescimentos das cobranças de tarifas e, especialmente, com o aumento do desemprego entre os bancários aliado aos reajustes salariais que sempre ficaram muito abaixo da inflação.

Entre os meses de maio e abril deste ano, o total das horas trabalhadas da jornada média semanal subiu de 43 para 44 horas, sendo que a proporção de trabalhadores com jornada superior a 44 horas semanais aumentou de 40,1% para 46,3% (dados do Dieese).

Isso mostra como as grandes empresas lucram com o crescimento. Mas, e os trabalhadores? O trabalhador poderia se beneficiar do crescimento econômico com uma mudança qualitativa na situação do desemprego, com aumentos salariais e na ampliação dos serviços sociais como Saúde e Educação. É isto que o governo, com sua propaganda, afirma que vai mudar. E é isso que nós afirmamos que não vai acontecer. Vamos ver estes temas, um a um.

OS DE CIMA

R$ 7,6 bilhões
Foi o lucro dos 20 maiores bancos no 1° semestre de 2004

1.000%
Foi o lucro dos bancos nos últimos 10 anos

US$ 18,5 bilhões
Foram as receitas do agronegócio com as exportações

OS DE BAIXO

8,5%
É a proposta de reajuste dos banqueiros

46,3%
dos trabalhadores têm jornada superior a 44 horas semanais

15%
média de perda salarial em 2003

19,7%
Foi o aumento da quantidade de trabalhadores sub-empregados nos últimos 12 meses

MELHORES SALÁRIOS? SÓ COM LUTA!

Mas, diria um apoiador do governo, já na defensiva, agora os salários vão aumentar, com o crescimento econômico. É possível que cresçam, mas só com lutas e greves.

O crescimento econômico dá melhores condições às campanhas salariais, porque os patrões têm mais a perder com a paralisação da produção ou dos serviços. Isso possibilitaria reverter a situação acumulada em todos estes anos, em que os reajustes foram feitos abaixo da inflação. No ano passado, por exemplo, mesmo no governo Lula, os trabalhadores perderam em média 15% de seus salários.

Agora, os metalúrgicos das montadoras de São Paulo conseguiram um reajuste de 10% nos seus salários, 3% de aumento salarial acima da inflação. É verdade que a direção do sindicato do ABC, da *Articulação*, queria fazer um acordo mais rebaixado, mas a pressão da base e a greve dos metalúrgicos da *General Motors* de São José dos Campos (dirigida pela

Conlutas), forçaram um reajuste acima da inflação. Poderia se conquistar bem mais, mas só os metalúrgicos de São José pararam.

Agora os metalúrgicos dos outros setores, como autopeças, estão em luta reivindicando o mesmo patamar do das montadoras.

O reajuste acima da inflação dos metalúrgicos das montadoras pode levar a uma onda de reivindicações e greves por conquistas semelhantes nas categorias que têm data-base no segundo semestre. Pode? Sim, pode. Mas aí entra em ação o governo Lula, através de seu braço no movimento, a direção da CUT.

Nos últimos dias o presidente da CUT, Luiz Marinho, lançou pela imprensa a proposta – previamente acertada com o governo – chamada de "pacto social". De acordo com Marinho, o "pacto" uniria empresários, trabalhadores e o governo para criar as bases "sólidas" de um desenvolvimento econômico sustentável. Para ele, o governo e empresários fariam a sua parte (aumento de investimentos, diminuição de impostos e congelamento das taxas de juros) enquanto os trabalhadores *"diminuiriam suas pressões por recomposição salarial"*.

Ou seja, justo agora, quando os trabalhadores poderiam lutar por reajustes salariais reais, acima da inflação, para repor as perdas dos anos passados, a CUT propõe um "pacto" para evitar estas lutas. Na verdade, a CUT abraça a pauta dos empresários, e não é à toa o entusiasmo da Fiesp com tal "pacto".

Como vemos, o crescimento econômico por si só não trará aumento salarial. Será necessário conquistá-lo nas lutas, contra os patrões, o governo Lula e a direção da CUT.

O EXEMPLO DOS BANCÁRIOS

O pacto não é apenas uma proposta para ser discutida na direção da CUT, tem conseqüências diretas nas lutas salariais. As direções dos sindicatos, ligados à maioria da CUT, estão tentando evitar as greves por aumentos reais de todas as formas. Isso já se expressou nos metalúrgicos, e agora é a hora dos bancários. Estamos em meio a uma rebelião de base dos bancários, contra o acordo entre os banqueiros e a Articulação, que propõe um reajuste de 8,5%, que a base encara como inferior ao do ano passado. A proposta é um absurdo, comparada com os altíssimos lucros dos banqueiros e as perdas dos últimos anos, como vimos acima. Os funcionários do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal tiveram seus salários reduzidos à metade nos últimos dez anos. A revolta entre os bancários é tamanha, que só a direção do Sindicato de São Paulo está defendendo a proposta, rejeitada em boa parte dos sindicatos do país. Do lado oposto da Articulação, estão os ativistas de base e as diretorias articuladas ao Conlutas.

PLENÁRIA ORGANIZA LUTA, MAS POUPA O GOVERNO E A UNE

APESAR DE participar da Plenária e de se empenhar nas atividades tiradas, a Conlute seguirá seu próprio calendário de lutas, como o Plebiscito em novembro

JÚLIA EBERHARDT, da Coordenação Nacional de Luta dos Estudantes (Conlute)

LARISSA DE MORAIS

Plenária de estudantes tira calendário de lutas contra reforma Universitária

Realizou-se, dia 12, em Brasília, a Plenária Nacional contra a Reforma Universitária. A Plenária reuniu cerca de 1.200 pessoas e foi uma iniciativa de diversos sindicatos e entidades do setor da Educação, entre elas o ANDES-SN, sindicatos de base da Fasubra, a Coordenação Nacional de Luta dos Estudantes (Conlute), além de Executivas de Cursos, DCEs e CAs.

A plenária cumpriu parte de seu objetivo, que era unificar estudantes, funcionários e docentes contra a reforma. Foram aprovados: uma Carta Política contra a reforma, um Grupo de Trabalho de mobilização, encontros estaduais em outubro e paralisação nacional das universidades, culminando com uma grande marcha a Brasília no dia 25 de novembro.

"NÃO DÁ PRA ESCONDER, ESTA REFORMA É DE LULA E DO PT"

Desde o início da construção da Plenária, os setores ligados à esquerda do PT e ao P-SOL procuraram evitar que o evento se transformasse em uma luta aberta contra o governo, sua política econômica e as demais reformas, como a Sindical e a Trabalhista. Também tentaram impedir que o movimento estudantil se chocasse contra a UNE, que ajuda o governo a implementar a reforma.

Tudo isso era feito em nome da "unidade da Plenária", mas o problema de fundo é que a esquerda do PT faz parte do governo Lula, evitando que a luta contra a reforma atinja o governo. O P-SOL, ao querer uma aliança prioritária com esses setores, se cala em nome da "unidade".

Com relação à UNE, esses dois setores se juntaram para defender a entidade e acusar a Conlute de "divisionista". A Conlute foi formada em uma Plenária nacional contra a reforma Universitária, realizada em maio deste ano no Rio de Janeiro, com 1.500 estudantes. Ela fez parte da grande mobilização de 16 de junho em Brasília, boicotada pelo P-SOL e pela esquerda da UNE, que parou a Esplanada dos Ministérios contra as reformas do governo, sendo a primeira mobilização nacional contra a reforma Universitária.

Ao invés de se integrarem a uma coordenação democrática de estudantes a serviço da luta contra a reforma, esses setores preferem defender a UNE e atacar a Conlute.

"CONTRA A REFORMA, EU QUERO VER, O PLEBISCITO NACIONAL ACONTECER"

Mesmo em relação à luta contra a reforma essa plenária foi limitada. A proposta de um Plebiscito nacional sobre a reforma Universitária foi feita pela Conlute em maio deste ano, como forma de levar a campanha contra a reforma para amplos setores da universidade, a exemplo dos plebiscitos da dívida externa, da Alca e do Provão.

Essa proposta foi rejeitada pela esquerda petista e pelo P-SOL com o argumento de que "não há tempo para um plebiscito ainda este ano", ou que "podemos talvez fazer no ano que vem". Como tudo na plenária era aprovado apenas por "consenso", o plebiscito foi rejeitado, novamente em nome da "unidade".

"Acreditamos que um plebiscito no ano que vem não serve para nada, pois a reforma já vai ter sido parcialmente aprovada. Nós da Conlute vamos realizar o plebiscito de qualquer maneira no início de novembro, e chamamos a todos os que estão na luta contra a reforma a se engajarem", afirmou José Erinaldo Júnior, coordenador da Conlute.

VEM AÍ O II ENCONTRO NACIONAL DA CONLUTE

Durante toda a plenária, a Conlute colocou a necessidade de não só da luta contra a reforma Universitária, mas também contra a política econômica e as demais reformas do governo Lula; denunciou a traição da UNE, que passou para o lado do governo e afirmou que "a UNE não fala em nome dos estudantes".

Apesar de ter participado da Plenária e do grupo de trabalho que foi aprovado, a Conlute seguirá com sua organização e calendário próprios, incluindo a realização do plebiscito no início de novembro.

Durante a Plenária, foi anunciada também a realização do II Encontro Nacional contra a Reforma Universitária em janeiro de 2005, durante o Fórum Social Mundial. "Em janeiro se abre uma nova etapa na nossa luta. Neste ano vamos lutar para barrar a reforma Universitária. No ano que vem essa luta continua, mas se soma à necessidade de fortalecer a Conlute como uma alternativa de luta para o movimento estudantil", afirma Thiago Hastenheiter, do DCE da UFRJ.

CALENDÁRIO APROVADO NA PLENÁRIA:

10 a 15 de Outubro
Encontros Estaduais contra a Reforma Universitária

11 de Novembro
Dia Nacional de Paralisação contra a Reforma Universitária e a Mercantilização da Educação

25 de Novembro
Grande Marcha a Brasília contra a Reforma Universitária

PARTICIPE AINDA:
Início de Novembro
Plebiscito Nacional sobre a Reforma

Janeiro
II Encontro Nacional da Conlute no Fórum Social Mundial
conlute@yahoogrupos.com.br

SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS DE SÃO PAULO ROMPEM COM A CUT

CONGRESSO do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Federal de São Paulo aprova a desfiliação da Central governista

***DIEGO CRUZ**, da redação*

O 13º Congresso do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Federal de São Paulo (Sindsef-SP), realizado nos dias 10, 11 e 12 de setembro, aprovou por maioria absoluta sua desfiliação da Central Única dos Trabalhadores. É o primeiro sindicato estadual de São Paulo que abandona a Central governista.

Durante os três dias do Congresso realizado na cidade de Nazaré Paulista, os servidores públicos chegaram à conclusão de que o caminho trilhado pela CUT não tem mais volta, e de que é hora de partir para a construção de uma nova alternativa de luta dos trabalhadores contra os ataques do governo.

INTEGRAR E FORTALECER A CONLUTAS

Durante o Congresso, os servidores participaram de intensos debates sobre a desfiliação, com debatedores de várias correntes e opiniões, convidados pela diretoria do sindicato.

Nos grupos de trabalho, a oposição, capitaneada pela corrente O Trabalho, não conseguiu nem 20% dos votos necessários para levar à plenária final a proposta de permanecer na CUT.

Já na plenária final foi votado se o sindicato iria abrir a discussão na base ou se iria romper com a CUT. Como a discussão no Congresso foi exaustiva, assim como a experiência dos servidores com a Central já é um fato, decidiu-se pela imediata desfiliação à CUT, e pela integração oficial à Conlutas, seguindo a trilha de muitos outros sindicatos

LEMINSKI: PAIXÃO E POESIA

POETA RESGATOU o pensamento trotskista sobre as relações entre arte e Revolução

***WILSON H. DA SILVA**, da redação*

No dia 24 de agosto, Paulo Leminski completaria 60 anos. Nascido em 1944, o poeta curitibano – que se auto-definia como um "polonês negro" (referindo-se à sua marginalidade em relação a qualquer sistema em que tentassem encaixá-lo) – lamentavelmente, morreu, aos 44 anos, de cirrose, em junho de 1989, depois de ter vivido uma das mais intensas, complexas e produtivas vidas literárias em nosso país.

Inquieta como sua própria personalidade, a obra de Leminski, ícone da chamada contracultura no Brasil, é vasta e multifacetada. Além de poeta, Leminski foi tradutor (de James Joyce à escrita homoerótica do japonês Yukio Mishima, passando pelo latim arcaico e debochado de Petrônio, em *Satyricon*), romancista, colaborador de vários suplementos literários, letrista de músicas e autor de vários ensaios e biografias (*vide box*). Além disso, atuou como professor de História, jornalista e publicitário.

Seu primeiro romance, escrito em 1975, *Catatau* (prosa experimental) é, em certa medida, uma síntese do universo e das preocupações que atravessam toda a sua obra. No livro, o autor desloca o filósofo René Descartes e seu pensamento lógico para o Brasil, na época das invasões holandesas.

O ambiente fictício abre espaço para uma espécie de delírio tropical, que nos apresenta o choque entre o pensamento mecanicista e sistemático dos europeus com as desmedidas e imprevisíveis situações que imperam nos trópicos. Tudo isso regado a uma mescla alucinante de drogas, mitos e tipos, compondo uma obra ímpar (muitas vezes comparada com *Macunaíma*, de Mário de Andrade), que o próprio Leminski definiu da seguinte forma: "*O Catatau é o fracasso da lógica cartesiana branca no calor (...), emblema do fracasso do projeto batavo, branco, no trópico.*"

Em seu trabalho biográfico, destaca-se o resgate de dois "malditos": Cruz e Sousa, o poeta "emparedado" pelo racismo, no Brasil do século XIX e Leon Trotsky, o revolucionário russo, perseguido e assassinado pelo stalinismo, no século XX.

Em 1985, ou seja, no final da ditadura, Leminski decidiu biografar Cruz e Sousa (1861 – 1898), exatamente por aquilo que mais profundamente marcou a vida do chamado poeta do Desterro: a sua marginalização e quase total exclusão do cenário cultural e poético brasileiro, apesar de ter sido a principal expressão do Simbolismo entre nós. Uma exclusão provocada por uma mescla de elementos com os quais o poeta curitibano certamente se identificava: o questionamento da ordem estabelecida (tanto na sociedade quanto na poesia) e uma rebeldia militante contra o sistema hipócrita em que vivia.

FOTO ANÍSIO MAGALHÃES

Posturas que também levaram o poeta a escrever *Trotsky: a paixão segundo a Revolução* (1986). Tendo tido contato com a organização estudantil trotskista *Liberdade e Luta*, no início da década de 1980, Leminski mesclou sua experiência militante e sua declarada simpatia pelo trotskismo com sua genialidade poética, dando origem a uma abordagem, no mínimo, original sobre a vida do revolucionário russo, ao utilizar os principais personagens do clássico *Os irmãos Karamazov* (escrito em 1879, por Dostoievsky) para discutir a vida e a obra de Trotsky e dois outros personagens fundamentais em sua trajetória: Lenin e Stalin.

Também como parte de suas preocupações, Leminski faz um excelente resgate do pensamento trotskista sobre as relações entre arte e Revolução e a necessidade da independência da primeira, para que a segunda se realize em sua plenitude.

HAICAIS DE UMA VIDA CURTA

Dentre os poucos poetas nacionais que conseguiram traduzir para a língua portuguesa a força dos haicais japoneses – poemas geralmente compostos por apenas três versos –, Paulo Leminski é, certamente, um dos mais bem-sucedidos (juntamente com a poeta Alice Ruiz, com quem foi casado por 20 anos).

E já foram muitos os críticos que atribuíram a beleza e a profundidade dos haicais do poeta curitibano à íntima relação que ele mantinha com o próprio estilo. Afinal, ele é autor de uma vida e de uma obra onde a intensidade sobrepõe-se à brevidade, o sentido das coisas brota do confronto e a síntese é o caminho que leva ao universal.

Tendo declarado um dia ser um "*daqueles que se colocam dentro de uma perspectiva histórica*", Leminski foi, de fato, um reflexo alucinado de seu tempo. Em primeiro lugar, pela chamada geração pós-68, e suas conturbações, que ele, poeticamente, definiu da seguinte forma: "*contestação, rebelião estudantil na França, 'primavera em praga',/ os 'powers' (black, red, gay, women's lib), a pílula, o aborto,/ o martírio do vietnã/ radicalização em sentido socialista, na américa latina,/ psicodelismo, zen, sociedade alternativa/ rock/ homem na lua, mcluhan, aldeia global, o meio é a mensagem/ contracultura*".

Marcado e estimulado pelo ambiente rebelde que, no Brasil, buscava sobreviver ao clima de terror e censura da ditadura, Leminski forjou seus primeiros escritos com os mesmos ingredientes de outros ícones da contracultura nacional: os participantes do movimento tropicalista e, particularmente, Torquato Netto. Acrescentando a eles um ironia ferina, como fica evidente no haicai "*ameixas / ame-as / ou deixe-as*", uma paródia escrachada do slogan "*Brasil, ame-o, ou deixe-o*", que marcou os anos de chumbo, no início da década de 1970.

O já mencionado *Catatau* (no qual o autor trabalhou entre 1966 e 1974) é herdeiro direto dessa situação. Mas não o único. Na verdade, toda a obra do autor é marcada por uma espécie muito específica de subversão: o questionamento dos comportamentos, que subverte a linguagem, e, conseqüentemente, uma linguagem toda ela subvertida por uma certa rebeldia criativa contra a língua "culta".

Seus livros, poemas e escritos são pontuados por palavras criadas a partir de outras línguas ou não, associações livres de idéias, textos que valorizam mais as belezas plásticas e poéticas do que os limites da gramática. Tudo isso sem que se distancie do mundo da erudição e do saber considerado "culto", o que fez com que ele ganhasse o curioso "título" de "o bandido que sabia latim".

Exemplo singular em nossa literatura, Leminski viveu seus últimos dias cercado por um certo amargor provocado tanto pela doença que se pronunciava irreversível, quanto pelos descaminhos que começavam a se anunciar no processo de democratização. Mas se é verdade que essa amargura transparece em sua escrita, também é fato que ela vem à tona com a mesma paixão poética que marcou a sua obra.

PARA CONHECER MAIS

Além dos livros citados no artigo, vale dar uma olhada nos seguintes títulos (muitos que serão relançados, em função do aniversário do autor):

- *No campo da poesia, destaca-se* **Caprichos e relaxos** *(1983), que reúne alguns dos principais poemas feitos no início da década de 80,* **Distraídos venceremos** *(1987), marcado pelo período pós-ditadura e* **La vie en close** *(1991), publicado depois da morte do poeta.*
- *Entre os romances e demais escritos, os destaques ficam para* **Agora é que são elas**, *romance de 1984; o infanto-juvenil* **Guerra dentro da gente**, *de 1986, e uma série de ensaios teóricos sobre a linguagem poética.*
- *Leminski ainda consta como autor ou parceiro em dezenas de músicas gravadas por cantores tão diversos como Caetano Veloso (***Verdura***), Moraes Moreira (***Baile no meu coração***), Itamar Assumpção (***Custa nada sonhar***) e Arnaldo Antunes (***Além alma***).*
- *Sobre a vida do poeta, há o excelente* **Paulo Leminski: o bandido que sabia latim**, *de Toninho Vaz.*

O QUE É? O TERRORISMO

A QUESTÃO DO TERRORISMO está na ordem do dia e tem se disseminado pelos quatro cantos do mundo como forma de resistência ao imperialismo e de luta pela independência nacional. Mas qual é a posição dos revolucionários?

WILLIAM FELIPPE, *da Secretaria Nacional de Formação e Propaganda*

Atentados sucedem-se num ritmo quase diário, seja em Nova York, Madri, Bagdá, Tel-Aviv, La Paz, e até na pequena Beslan, na Ossétia do Norte, onde morreram centenas de crianças no ataque do exército russo aos terroristas chechenos que as haviam tomado como reféns.

O imperialismo, com Bush à frente, decretou que o "terrorismo" é o novo Satã, no lugar da ameaça comunista. A guerra preventiva contra os "Estados terroristas" é a justificativa ideológica para o massacre dos povos e para a política de recolonização, seja no Afeganistão, no Iraque, na Chechênia, na Palestina, e em outros países. A "guerra ao terror" é também a senha para os ataques aos direitos democráticos e à prática de torturas em campos de concentração e prisões como Abu-Garib, em Bagdá, e Guantánamo, onde estão confinados membros da Al-Qaeda e do Talibã.

A espetacular derrubada do World Trade Center e o heroísmo dos homens e mulheres-bomba têm impactado a consciência dos lutadores revolucionários e antiimperialistas em todo o mundo, que se perguntam se este não seria o método correto para derrotar a burguesia e o imperialismo.

CONTRA O TERRORISMO INDIVIDUAL

Os revolucionários marxistas sempre foram contra o terrorismo individual ou de pequenos grupos. Trotsky resumiu essa posição, em seus *Escritos sobre o terrorismo*: *"Para nós o terror individual é inadmissível porque minimiza o papel das massas em sua própria consciência, as faz aceitar sua impotência e volta seus olhos e esperanças para o grande vingador e libertador que algum dia virá para cumprir sua missão."*

Para nós, ao contrário dos terroristas, a tarefa decisiva é colocar as próprias massas em ação, fazer com que os trabalhadores tomem em suas mãos o seu próprio destino através da luta, em direção à revolução socialista. Nesse sentido, o marxismo revolucionário educa a vanguarda lutadora para se fundir com as massas e não para se isolar delas; para se colocar à frente das lutas, das greves e das revoluções e não para maquinar atentados espetaculares; para construir as organizações independentes da classe proletária, os sindicatos, os sovietes e, principalmente, o partido revolucionário e não para construir seitas de fanáticos heróicos. Segundo Trotsky, o terrorismo leva à desorganização da classe trabalhadora: *"Se para alcançar os objetivos basta armar-se com uma pistola, para que serve esforçar-se na luta de classes? Se uma porção de pólvora e um pedacinho de chumbo bastam para perfurar a cabeça do inimigo, que necessidade há de organizar a classe? Se faz sentido aterrorizar os altos funcionários com o rugido das explosões, que necessidade há de um partido? Para que fazer manifestações, agitação de massas e eleições se é tão fácil apontar contra a cadeira ministerial desde a galeria do parlamento?"*

Atentado de 11 de setembro de 2001, em Nova York

O MARXISMO revolucionário educa a vanguarda para se fundir com as massas e não para se isolar delas

O TERRORISMO FACILITA A REPRESSÃO E A GUERRA

Os atentados terroristas reforçam as posições dos exploradores e dos opressores, ao invés de enfraquecê-los e derrotá-los, ao mesmo tempo em que dividem a classe trabalhadora, ao invés de unila através da solidariedade internacional. A derrubada das torres de Nova York fortaleceu Bush, dando-lhe apoio popular e o pretexto necessário para implementar seus planos de invasão do Afeganistão e do Iraque. O atentado checheno à escola de Beslan fortaleceu o carrasco Putin, primeiro-ministro da Rússia, com o povo russo aceitando dar-lhe todos os poderes de repressão para "combater o terrorismo".

Se os atentados terroristas a autoridades do Estado, praticados há séculos, já eram um pretexto para que se desencadeassem sangrentas repressões sobre o movimento de massas, os atentados do terrorismo moderno, com seus milhares de vítimas inocentes, facilitam enormemente a tarefa repressiva do Estado, ao confundir e dividir os trabalhadores. Que trabalhador, mesmo odiando Bush e outros canalhas imperialistas, poderia apoiar o assassinato de milhares de trabalhadores no WTC, ou voltando para casa no metrô de Madri, ou das crianças da escola de Beslan?

O PRINCIPAL TERRORISTA É O IMPERIALISMO

É por essas razões que nós, revolucionários, condenamos energicamente os métodos do terrorismo individual. Mas, isso não significa que estejamos ao lado do imperialismo em sua "cruzada contra o terrorismo".

Ao contrário de Lula, Kofi Annan (secretário-geral da ONU) e outros fariseus, que se unem ao coro de Bush na "guerra ao terror" e evocam o "direito de defesa" dos Estados Unidos de atacar o povo afegão e iraquiano, nós nos colocamos incondicionalmente ao lado da luta dos povos pela sua libertação, mesmo quando se utilizam de métodos equivocados como o terrorismo dos jovens-bombas palestinos.

Como afirmou Trotsky: *"Um herói isolado não pode substituir as massas. Mas compreendemos com toda clareza a inevitabilidade de semelhantes atos de desespero e vingança. Todas as nossas emoções, nossa simpatia estão com os sacrificados vingadores, apesar deles terem sido incapazes de descobrir o caminho correto."*

O principal responsável pelos atos terroristas é o próprio imperialismo, com toda a barbárie e violência que espalha pelo mundo.

O terror revolucionário

Nossa posição também não se confunde com as posições pacifistas, moralistas ou éticas que condenam a violência em qualquer situação, nem tampouco com as ilusões reformistas sobre a possibilidade de uma revolução pela via pacífica. Entendemos que a violência revolucionária é inevitável para derrotar a burguesia e o imperialismo e para avançar até o socialismo. Ao nosso ver, ela deve ser exercida pelas massas em luta e não por seitas terroristas.

Engels escreveu que a violência é a parteira da história, o que é comprovado pela experiência de todas as grandes revoluções. Na Revolução Francesa, a burguesia impôs a "liberdade, igualdade e fraternidade" às custas de um sem número de cabeças cortadas de reis, rainhas, princesas e padres. Lenin e Trotsky, na guerra civil que se seguiu à Revolução Russa de 1917, utilizaram-se do terror vermelho para derrotar a santa aliança contra-revolucionária da burguesia, da nobreza e do imperialismo.

A construção do partido revolucionário de massas é a tarefa que está colocada para dar à revolução uma direção correta e evitar que a luta contra a burguesia e o imperialismo se desvie pelo caminho sem saída do terrorismo individual.

COLABORE COM A PÁGINA DE FORMAÇÃO SUGERINDO TEMAS E QUESTÕES, ATRAVÉS DO E-MAIL: opinião@pstu.org.br

'BRASIL E ARGENTINA ESTÃO PARTICIPANDO DE UMA DOMINAÇÃO IMPERIALISTA'

BATAY OUVRIYE é uma organização de sindicatos, associações de trabalhadores e setores populares que trabalha pela construção de um movimento de luta autônomo, combativo e democrático no Haiti, como alternativa ao movimento sindical tradicional, de tendência burocrática e representante dos interesses patronais. O Opinião Socialista publica aqui uma entrevista com Yannick Ettienne, dirigente do *Batay Ouvriye*.

Batay Ouvriye liderou uma grande luta nas fábricas têxteis. Como foi isso?

No noreste do Haiti se estabeleceu, com empréstimo do Banco Mundial, uma empresa de capitalistas dominicanos, o *Grupo M*, para construir uma zona franca, a *Companhia de Desenvolvimento Industrial*, para aproveitar a mão-de-obra haitiana, a mais barata do continente. Produzem calças e blusas para as marcas *Levis Strauss* e *Sara Lee*. O *Grupo M* já é bem conhecido na República Dominicana, onde tem várias fábricas, por sua violência anti-operária e anti-sindical. Os trabalhadores sofriam a mais descarada dominação por parte dos supervisores: assédio sexual, perseguições, humilhações e, sobretudo, permanente ameaça de sanções e de demissões arbitrárias e ilegais. Um verdadeiro clima de terror (operárias trabalhavam chorando), com um ritmo infernal de produção.

Os trabalhadores se organizaram e, com nossa Inter-Sindical, formaram um sindicato. Todos os seus membros foram demitidos. Então, a luta começou realmente com mobilizações e greves, apoiadas por uma forte, ativa e eficaz solidariedade nacional e internacional. A patronal e o governo utilizaram uma violência sem nome, chegando a introduzir em território haitiano o próprio exército dominicano para atacar os trabalhadores e molestar violentamente até mesmo as mulheres grávidas. Finalmente, por sua perseverança, os operários mobilizados conseguiram a reintegração dos demitidos.

FOTO RICARDO STUCKERT

Soldados brasileiros das forças de ocupação, com Lula, no Haiti

Como foi isso da vacina que aplicaram nos trabalhadores?

O *Grupo M* injetou neles uma suposta vacina anti-tetânica, sem autorização do Ministério da Saúde. Algumas operárias chegaram a abortar, logo depois da segunda dose! Seria esterilização? Alertada por nós, a União Médica Haitiana fez uma investigação e percebeu coisas estranhas no processo, como datas contraditórias de aplicação, a mistura do conteúdo de duas ampolas, o que não existe em se tratando de vacina e o fato, confirmado, de não haver sido avisada qualquer autoridade pública, nem ter sido explicado aos pacientes o que iam receber como "vacina", ou ter-se dado ao trabalho de verificar, por meio de análises médicas, se alguém era alérgico a tal substância. Esse fato é de suma importância e mostra, mais uma vez, o grau de dominação bestial dessas empresas capitalistas sobre nossos países.

> **LULA USOU o prestígio da seleção brasileira para diminuir o repúdio à ocupação**

Qual é o papel do Brasil no seu país?

Com o argumento de "ajudar" o povo miserável, e apoiado por uma certo aproximação cultural, o Brasil trata de enfatizar o aspecto cooperativo de assistência técnica (agrícola, de educação, de saúde). Mas, na verdade, a presença das tropas brasileiras e argentinas está mesmo é garantindo o projeto macabro do Brasil de conseguir um lugar no Conselho de Segurança da ONU e construir, com a Argentina, um novo pólo de força na América Latina.

Garantir o projeto imperialista no Haiti é preparar o caminho para uma abertura econômica sangrenta das multinacionais, que estão explorando uma mão-de-obra que hoje é, por um atroz processo de desvalorização, a mais barata do hemisfério. Brasil e Argentina estão participando de uma dominação militar e política dos maiores países imperialistas, particularmente os EUA, com vistas a uma exploração extrema por parte das transnacionais, por cima de todos os direitos básicos dos trabalhadores.

A seleção brasileira de futebol participou desse jogo.

Foi uma demagogia típica dos governos populistas. Aristide teria feito o mesmo. O povo haitiano, que vive em uma desgraça profunda, se identifica com o futebol brasileiro, por ser, primeiro, vitorioso, mas também tão bonito e criativo. Cada campeonato que o Brasil ganha é comemorado aqui com festas populares parecidas com o carnaval. Lula sabe dessa identificação. Por isso, aproveitou esse "túnel" para tratar de diminuir o repúdio à ocupação e melhor operar sua própria penetração diplomática e técnica no Haiti.

FOTO ANA NASCIMENTO / AG. BRASIL

Pichações, em língua creola, contra o FMI e os EUA

Tropas brasileiras começam a enfiar a mão na massa

As tropas brasileiras e argentinas no Haiti, batizadas ironicamente com o título de Missão de Estabilização, começam a mostrar de fato que tipo de estabilização pretendem. Um pelotão aerotransportado e outro terrestre foi enviado à cidade de Grand Goave (60 km de Porto Príncipe), num total de 65 militares brasileiros, para ajudar as forças do governo de Boniface Alexandre a impedir uma ação de ex-militares haitianos rebeldes. Eles já haviam ocupado prédios públicos em três cidades do Haiti reivindicando a restauração do Exército próprio do país, extinto por Aristide em 1994. Já as tropas argentinas impediram a invasão, por parte dos ex-militares, de uma universidade.

A invasão seria um protesto contra o fato de que a segurança dessa universidade vem sendo feita por soldados argentinos. Dessa maneira, a tal Missão, que atua sob o comando do Brasil, começa a ter uma intervenção militar direta nos assuntos haitianos, ajudando o atual governo, bancado pelos EUA, a manter seu status de colônia do imperialismo americano.

COM RAÇA, CLASSE E SEM HOMOFOBIA

País afora, o PSTU apresentou candidatos e candidatas que são porta-vozes daqueles que, além de lutar contra a exploração capitalista, enfrentam-se cotidianamente com a opressão racial ou sexual

WILSON H. DA SILVA, *da redação*

Lutas que, no nosso entender, só podem ser vitoriosas se realizadas em estreita aliança com o conjunto da classe trabalhadora, da juventude e dos todos os demais setores oprimidos e explorados. Algo que não pode ser levado a cabo nem pelos partidos tradicionais da burguesia nem pelo PT ou o PCdoB que, em função de seus projetos políticos e de suas alianças, há muito abandonaram a luta conseqüente em defesa das bandeiras desses setores. Nesta edição, apresentamos algumas candidaturas identificadas com o combate ao racismo e à homofobia.

COMBATER O RACISMO NA LUTA CONTRA O CAPITALISMO. SOLANO TRINDADE: UMA HISTÓRIA DE LUTA

Dentre os vários candidatos negros que concorrem a uma vaga na câmara municipal, Liberto Solano Trindade, de São Paulo, destaca-se por sua história e trajetória de lutas. Filho do poeta, escritor e militante negro Solano Trindade – um dos fundadores do *Teatro Experimental do Negro* –, Liberto Solano, que também é funcionário da Sabesp, tem uma vida que praticamente se confunde com a cultura negra desde 1962, tendo atuado em várias escolas de samba e, hoje, no *Afoxé Filhos da Coroa de Dadá*.

Em sua campanha, além de denunciar as conseqüências do racismo, na maior cidade do país – onde a média salarial das mulheres negras corresponde a um terço do que é pago para homens brancos – Solano tem discutido a necessidade de se lutar pela democratização do acesso e o incentivo às manifestações da cultura negra, particularmente em espaços como as escolas de samba, que sofrem um processo de mercantilização e apropriação cultural, por parte das elites.

Trabalhador da Companhia de Saneamento Básico, a Sabesp, Solano também tem colocado sua candidatura a serviço da luta contra a municipalização (ou seja, privatização) planejada pela candidata petista, Marta Suplicy.

A candidatura de Solano é apenas uma expressão de uma luta que consideramos fundamental. Como já foi dito por Malcolm X *"não há capitalismo sem racismo"*. Ou seja, o racismo é utilizado como forma de superexplorar enormes setores da população. É isso que faz com negros e negras sejam a maioria dos desempregados e dos trabalhadores "informais", dos que não têm acesso à educação, à moradia ou a tratamentos médicos dignos e daqueles que sofrem a violência policial.

Uma situação que nada mudou com o governo Lula. Por isso, por exemplo, no **Recife**, o ferroviário Walter Oliveira, candidato a vereador, foi ao ar, em seu programa eleitoral, para denunciar que **"João Paulo e o governo Lula: páginas em branco na luta contra o racismo"**.

Como lembra Walter, *"o que estamos dizendo é que, ao aliar-se àqueles que sempre lucraram com a opressão racial e ao implementar planos que atacam ainda mais a vida do dos trabalhadores e, particularmente, daqueles que são historicamente marginalizados, Lula, João Paulo e seus aliados, nada mais fazem do que perpetuar a combinação da exploração capitalista com a opressão racial"*.

É para denunciar tudo isto e apresentar uma alternativa socialista de combate ao racismo, que militantes do **PSTU** estão apresentando suas candidaturas país afora. Em **São Gonçalo** (RJ), temos Dayse Oliveira, que foi candidata à vice-presidência em 2002, como nossa candidata a prefeita. Em **Salvador**, Luis Carlos França é o único candidato a prefeito negro na "capital negra do país". Em **São Luís** (MA) Nicinha Durans (vice-prefeita) está articulando sua candidatura com o movimento *Hip Hop* e as comunidades mais carentes. Papel que também tem sido desempenhado em **Poá** (SP) por José Reis Nunes (prefeito) e Luis Fernando Oliveira (vice-prefeito), o *Risada*. São trabalhadores e jovens que, a exemplo de muitos outros, espalhados do Rio Grande do Sul ao Norte do país estão propagando a necessidade de combater o racismo na luta contra o capitalismo.

ORGULHO PRA LUTAR CONTRA A HOMOFOBIA

Em várias cidades, o **PSTU** também apresentou candidaturas identificadas com as lutas de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (GLBT), setor não só marcado por uma profunda marginalização como também pelo abandono e desvios de suas lutas, por parte de suas direções tradicionais.

Em **Nova Iguaçu**, o candidato negro a prefeito Carlos Feliciano, tem como vice Eugênio Ibiapino um dos principais dirigentes do movimento GLBT da Baixada. Dirigente do *Triângulo Rosa*, um dos grupos mais antigos do Rio, e realizador da primeira *Parada do Orgulho Gay* na região, Eugênio tem se transformado em referência para a luta contra a homofobia por não seguir a orientação que vem sendo dada à maioria dos grupos do país: a redução da luta histórica do setor a reivindicações que se resumem à tentativa de inserir gays e lésbicas no mercado consumidor.

Assim como Eugênio, os demais candidatos GLBT do **PSTU** acreditam que a luta contra a homofobia não pode ser desvinculada do combate ao sistema. É esta mensagem que também está sendo dada em **Mogi das Cruzes** (SP), onde o professor Luis Carlos Sales, coordenador da Apeoesp local é candidato a prefeito e Mauro Luiz a vereador.

O fato de ambos serem militantes do movimento GLBT transformou suas candidaturas em porta-vozes da luta pela aprovação da parceria e união civil de pessoas do mesmo sexo (com amplos direitos legais e previdenciários), do combate à violência contra os GLBT e da discussão do papel da escola e dos professores na luta contra toda e qualquer forma de discriminação. Papel que também está sendo cumprido por Melissa Lopes, candidata a vice-prefeita, em **Campos do Jordão** (SP), que tem destacado a dupla opressão sofrida pelas mulheres homossexuais.

BOCA DE URNA 16

POR ANDRÉ VALUCHE

JOÃO PESSOA (PB)

Uma boa parceria

No dia 07, o PSTU da Paraíba, em parceria com o grupo Batuque Quebra Quilos, realizou a festa da (In)dependência. A festa foi organizada em apoio às candidaturas do PSTU, principalmente de Memel, estudante de História da UFPB e candidato a vereador.

Mesmo o PT realizando uma festa na praia com Zezé di Camargo e Luciano (de graça) no mesmo dia, cerca de 300 pessoas compareceram à festa, que cobrava ingresso a preços populares. Onze bandas – de vários estilos, desde o maracatu até o hardcore – tocaram sem cobrar um centavo. Outros artistas e grupos já manifestaram a disposição de nos ajudar e participar de atividades semelhantes.

FORTALEZA (CE)

Caminhada do 16

Em época de eleição, é comum se ver caminhadas dos candidatos pelas ruas. A grande diferença é que as caminhadas do PSTU não são feitas com cabos eleitorais pagos como acontece com as candidaturas da direita e também já virou prática no PT e no PCdoB.

Em Fortaleza, no dia 16 de setembro, Valdir Alves, candidato a prefeito, e Raimundão (vereador) irão encabeçar uma caminhada com os operários da construção civil em defesa das candidaturas do PSTU. Também se espera o engajamento de outros setores, na Praça da Sé, a partir das 18h.

SÃO PAULO (SP)

Uma festa para a cultura negra

No dia 19 de setembro, vai acontecer a festa da candidatura de Solano Trindade (vide matéria ao lado). Com início marcado para as 10 horas, com comida e bebidas típicas da culinária afro-brasileira, a festa terá a apresentação de grupos de Hip Hop, apresentações de danças com Grupo Popular Solano Trindade do Embu (sob a direção de Raquel Trindade, Caçapava e Abílio Trindade) e do Afoxé Filhos da Coroa de Dadá, que sediará esta celebração da cultura negra. Quem estiver em São Paulo, o endereço é Rua Carlos Belmiro Correia, 1259, perto do Terminal da Casa Verde.